

ARQUITETURA DA HOSPITALIDADE: CIDADE NEW BABYLON E OS ESPAÇOS INFRAESTRUTURAIS URBANOS

Julian Grub

Arquiteto e Urbanista, doutorando pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em
Arquitetura - PROPAR / UFRGS.

julian.grub@gmail.com

Alcindo Neckel

Doutor em Geografia – Programa de Pós-graduação em Geografia / UFRGS

alcindoneckel@yahoo.com.br

1. Introdução:

As idéias defendidas por Debord no livro *A Sociedade do Espetáculo* ainda podem ser vistas nas nossas cidades. Corpos urbanos isolados, segregados, cidades (des)estruturadas através do controle social, isolamento, alienação e espetacularização (Debord, 1997). Rompendo, não acolhendo apenas tolerando as diferenças em espaços cada vez mais hostis, fechados. A cidade tornou-se lados e costas, seu rosto esfacelado pelo trabalho, produção e consumo mostra-se iluminada para uma sociedade cega e desorientada.

Logo, um movimento em direção ao homem, no sentido de resgate da identidade, afetos e desejos se faz necessário. Provocando aquilo que desperta a experiência do cuidado e amor ao outro, a hospitalidade. Uma vez que hospitalidade não está no espaço que a contém, mas no indivíduo que dá sentido ao espaço, ao outro. Esse ensaio é uma reflexão sobre os lugares que podem ser definidos e construídos pelos rastros de afetos deixados pelo homem e as possibilidades de acontecimentos a partir do gesto de hospitalidade, e assim de forma consciente abrir novos entendimentos sobre a cidade.

2. Internacional situacionista: A cidade

De caráter experimental e pluridisciplinar formados por artistas, pensadores e ativistas. A Internacional Situacionista fundada em 1957, contou na primeira reunião com três grupos compostos pelo movimento internacional por uma Bauhaus Imaginista representado pelo dinamarquês Asger Jorn e os italianos Giuseppe Pinot-Gallizio, Walter Olmo, Piero Simondo e Elena Verrone. Pelo grupo internacional letrista constituído pelos

franceses Guy Debord e Michéle Bernstin e o Britânico Ralph Rumney que representava e assinava em nome da fictícia associação psicogeográfica de Londres. O movimento compreende idéias e filosofias dos mais diversos campos e atividades humanas: arquitetura, manifestações sociais, arte urbana, sociologia, geografia, urbanismo, arte, literatura e sobre tudo política (Jacques, 2003, p.17).

A visão do grupo sobre a formação da cidade tradicional moderna era baseada na sociedade do espetáculo e no urbanismo fragmento. Eles acreditavam que a espetacularização em geral, condicionava a sociedade a uma alienação e a passividade comum. Cidade espetáculo sempre sob constante vigia e controle, com caráter puramente disciplinar. Para o grupo a prisão torna-se modelo de habitação e nas cidades a rua um elemento puramente funcional, onde se atuariam nesses espaços vigilância e controle social (figura 1). A cidade tradicional moderna seria organizada a partir de um crescimento baseado no espetáculo, numa relação produção e consumo (Jacques, 2003, p.13).



Figura 1 – The Coca Cola series
Fonte: <http://latuff.deviantart.com/>

Diferentemente dos arquitetos modernos e das idéias de corrente conservadora da cidade museu, os situacionistas defendiam que a transformação da cidade e da própria arquitetura seria resultado da sociedade e não da espetacularização. A partir da sociedade se daria a revolução urbana e a transformação das cidades. Assim, o ambiente

urbano seria o elemento indutor na transformação do homem. Os Situacionistas defendiam a revolução da vida cotidiana impulsionada por questões revolucionárias, políticas e ideológicas de forma a desfazer as relações capitalistas, alienantes e espetaculares das cidades (Jacques, 2003 pag. 20).

“O funcionalismo ignora a função psicológica da ambiência [...] o aspecto das construções e dos objetos que nos cercam e que utilizamos, possuem uma função independente de seu uso prático [...] os racionalistas funcionalistas, por causa de sua homogeneização, imaginaram que só se pode alcançar formas definitivas, idéias de diferentes objetos que interessam ao homem. A evolução hoje mostra que esta concepção estática estava errada. Pode-se chegar a uma concepção dinâmica das formas, pode-se ver essa verdade: toda forma humana está em transformação contínua. Não podemos mais, como os racionalistas, evitar essa transformação. A falha dos racionalistas foi não ter compreendido que a única maneira de se evitar a anarquia da transformação consiste em entender as suas leis internas, e utilizar-se delas” (Jorn, 1954, In: Jacques, 2003, p.14).

3. Cidade New Babylon e o espaço como manifesto

O projeto da cidade New Babylon (figura 2) foi uma vontade do artista integrante da Internacional Situacionista Constant Nieuwenhuis. Desfazendo os elementos degradadores da sociedade industrial moderna: individualização, controle social e espetacularização. Para Constant um livre território desprovido de funções préconcebidas, atividades lúdicas da vida e a arquitetura dedicada à (des)orientação se faziam necessárias. De vocação nitidamente nômade e cigana, a cidade Situacionista é orientada pela construção das múltiplas possibilidades de uso dos espaços vazios através da sociedade como potência de transformação do homem e da própria cidade, num processo cíclico e infinito de construção de cenários.

Para Constant a cidade deve ter um novo papel simbólico e social, fundamentando-se num urbanismo verdadeiramente moderno e voltado ao cidadão, o urbanismo unitário, de todos para todos (Grossman, 2006). Marcado por grandes estruturas-coberturas, a New Babylon tem como base a construção de megaestruturas,

plataformas flexíveis de extensões ilimitadas sem planejamento de ocupação dos espaços. Resgatando a possibilidade de gerar lugares ou setores com qualidades ambientais e comportamentais distintas e cambiáveis.



Figura 2 - Nova Babilônia, Litografia, 1963

Fonte: Lambert, Jean-Clarence. New Babylon. Constant: Art et utopie. Paris: Cercle d'Art, 1997

A idéia da casa, do grão, do elemento isolado, da cidade tradicional, perde foco para uma escala mais ampla, a escala do complexo arquitetônico. Para Constant é na grande escala que se encontra a liberdade arquitetônica e humana. A autonomia do homem ocorre pelo espaço transformado pelo sujeito, pela sociedade. Cidade-cobertura, cidade-ponte, a cidade de Constant é construída por recombinações físicas e espaciais. A essência da New Babylon é a idéia da ponte que abriga a todos, da grande morada, daquilo que hospeda, vontade de acolhimento (figura 3).



Figura 3 - Nova Babilônia: a cidade dos espaços livres. Vista da cidade, 1960

Fonte: Lambert, Jean-Clarence. New Babylon. Constant: Art et utopie.

4. New Babylon: arquitetura da hospitalidade

Num processo de construção infinita, de aceitar, incluir, sempre receber. A imagem da cidade New Babylon nunca será definitiva. Uma cidade que espera, recebe e hospeda tantos acolhidos definitivamente nunca terá um único rosto, uma imagem, um fim. Isso se traduz em estruturas físicas manipuláveis, recicláveis e de infinita mudança (figura 4 e 5). O rosto que hospeda a muitos, sempre será diferente, e o acolhimento se fará a todo instante sob o céu de suas estruturas.



Figura 4 e 5 – A construção do vazio é a resposta morfológica urbana: criar através da experiência múltiplos lugares do lugar.

Fonte: http://foundation.net/New_Babylon

Hospitalidade para Fuão é dar passagem ao outro, a partir da idéia do gesto, o que importa não é a coisa construída, nem a passagem, mas o gesto do deixar passar, entrar, deslocando a arquitetura para o plano ético, humano. Desta maneira, o projeto de arquitetura e a própria construção das cidades serão mais abertas, questões formais e programáticas serão flexíveis, até inéditos com finalidades voltadas ao outro, ao social (Fuão, 2012a).

Heidegger (2006) também emprega a idéia de hospitalidade como passagem, ligar partes, idéia de ponte, conexão. A ponte liga territórios, pessoas, lugares, margens e limites (Heidegger, 2006 pg.5). Na experiência da travessia que os limites se unificam se revelam. A ponte liga, mas também abriga, acolhe, sob sua cobertura a ponte vira ponte, espaço de passagem e espera, lugar do hóspede, da hospitalidade, do acontecimento. As estruturas de New Babylon representam a conjunção terra e céu, num processo infinito de partidas e chegadas onde o errante será sempre o hospede sob o céu de sua cobertura e sobre a terra de seus pavimentos.

New Babylon é a ponte dos seres, território sem partes, expõe a dimensão da terra e a natureza do homem que a percorre livremente. Uma arquitetura que reúne e integra, homem, terra, água e céu. Cria novas e infinitas paisagens da paisagem, lugares do lugar, espaços do espaço. É hospitaleira pelo repousar de seus pilares e a sombra de sua cobertura, permitindo o deslocar livre do errante sob sua proteção, é a própria casa dos homens. Sob o céu representado, a liberdade e o livre movimento se dá pela espera de sua estrutura, recebendo sem tempo nem distância aquele que vaga.

Na efetiva revolução social, Constant não têm como objetivo gerar lugar, muito menos um projeto fim, mas ser essencialmente ético, onde as pessoas encontrariam o melhor modo de viver e conviver, através da criação de múltiplos lugares de um lugar, reinventando o cotidiano, transformando os hábitos, a vida. Uma grande e ilimitada casa, onde a superestrutura iria compor esse estrato superior de proteção dos indivíduos, acolhendo-os (figura 6 e 7).



Figura 6 – Cobertura(ponte) sobre um setor da cidade de Constant, espaços para multiplas atividades coletivas
Fonte: <http://estructurassensitivas.blogspot.com.br/new-babylon-constant>



Figura 7 - Marquise do Parque Ibirapuera - Oficina de Artes de Cartões dez
Fonte: <http://www.panoramio.com/photo>

Para Fuão (2012) acolher, é acolher a diferença, a todos, dando lugar ao lugar, abrir o lugar, dar passo ao outro. Portanto, nas cidades, os lugares de acolhimento são muitos, lugar de acolhimento é lugar de encontros, o espaço público, lugar aberto a todos. Lugar de acolhimento é produzido pela espera, pois não existe espaço enquanto o inesperado não chega, um lugar sem lugar enquanto o outro não ocupa o seu interior, a casa, aquilo que o cobre e o protege. Assim, hospitalidade como sinônimo de acolhimento coloca o tema do espaço não no espaço, nem na arquitetura, mas no indivíduo, na sociedade reproduzida na cidade de Constant (figura 8 e 9) (Fuão, 2012a).



Figura 8 e 9 - Viaduto do Café SP: Academia, Boxe, Pré-escola e Biblioteca

Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/>

Na cidade New Babylon tudo pode ser transformado sobre um grande abrigo. Nesses espaços de hospitalidade gerados pelas grandes plataformas não existe propriedade privada, unidade de habitação permanente, diferenças de classes ou qualquer forma de segmentação, apenas possibilidades de encontros. Os espaços originados pelas grandes coberturas devem ter a finalidade da criação coletiva (Farias, 2013, pag. 130). Constant através das idéias da New Babylon reafirma a qualidade e a potência de transformação e de hospitalidade dos espaços infraestruturais, pelo uso imprevisto e inventivo de situações geradas pela ação do homem. Valendo-se do comportamento e da ambiência gerada por diferentes cenografias (figura 10 e 11).



Figura 10 - Sob megaestruturas: imagem dos espaços como construção de sentidos e acontecimentos - Archizoom Associati - Non-stop City internal landscapes – 1970
Fonte: site www.megastructure-reloaded.org



Figura 10 - Baixios de viadutos: espaços de construção de cenários da vida cotidiana.
Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos>

5. Desconstruindo New babylon: O espaço como corpo que veste

A partir da idéia de experimento, Guy Debord integrante do grupo Internacional Situacionistas, debrusa-se sobre a cidade. De forma operativa e emocional sua atenção volta-se para os aspectos subjetivos, inconcientes do comportamento do homem no espaço, através da vivência criativa e lúdica como base de construção - psicogeografia e deriva. A psicogeografia estuda como o meio geográfico planejado e construído pode afetar o comportamento das pessoas e o segundo, a deriva também condicionada a sistemas comportamentais psicogeográficos, consiste através do movimento, do evento, da passagem por variados ambientes à possibilidade de transformação efetiva dos indivíduos (Jacques, 2003 pag. 19).

A preocupação para Debord baseava-se no comportamento através da manipulação dos espaços com possibilidades reais de transformação da sociedade, de

forma a (des)construir situações, hábitos e cenários da vida cotidiana. Constant coloca que a construção dessas estruturas é um grande monumento à vida, construída deliberadamente para a organização coletiva e social de um ambiente unitário, um jogo de construção, de acontecimentos e situações. O projeto é definido por territórios sem partes, sem fronteiras ou barreiras (sociais, econômicos ou físicas) (Jacques, 2003). Todos os lugares são acessíveis a todos e a cada cidadão, ela é a casa de todos, dos habitantes da terra. É um processo cíclico de transformação, redefinições, resignificados, num eterno experimento urbano-humano.

E assim, pelo livre movimento possibilitado por estas estruturas, a viagem, a troca é essencial. Um futuro nômade para uma sociedade nômade, debaixo de um único teto construído para abrigar o múltiplo, hospedar as diferenças. Cidade democrática, cidade do homem, para o homem. Uma grande estrutura-residência construída para ser desconstruída, resignificada, resignificante. Essa transformação das estruturas sobrepostas sobre um território único deve ter a capacidade de ser reciclado, desviado e manipulado pelo homem para a criação do novo (Jacques, 2003).

Solis (2012) coloca que desconstrução é um acontecimento que não espera, que independe da consciência do sujeito. A desconstrução desloca disjunta, desarticula. A partir dos elementos da cidade de Constant como caminho, estrutura, apoio, coluna, abrigo, base, forma, cor, material, ponte, balanço, cobertura, elevação, escada, chão, estabilidade, etc. Será possível através de uma visão semântica desconstruir e criar inúmeras e infinitas metáforas ou imagem metafóricas, multiplicando as possibilidades de associações textuais e construtivas desses elementos através dos espaços da cidade. De forma a possibilitar conduzir seus significados de origens, princípios, ao limite entre palavra, significado, sentido e objeto físico (Solis, 2012, pag. 21).

Ao nos referirmos aos espaços da cidade como potência de construção de possibilidades, Bernard Tschumi (1996) defini espaço no sentido de sua natureza e no sentido de determinar seus limites a experiência humana num processo empírico de descobertas. Para definir o conceito de espaço devem-se discutir seus limites, suas bordas, fronteiras. A desconstrução evidenciará como o espaço limitado, por exemplos por muros, paredes, praças, ruas podem ser redimensionadas, para além das delimitações inicialmente impostas pelo edifício, pelo urbano, como um espaço da transgressão. Para Tschumi o espaço arquitetônico

pode ter dois sentidos, uma ligada à forma e outra a conotação de produto social (Tschumi, 1996, pag. 141).

Fuão (2012) analisa que a mudança na busca de um produto social pela construção do espaço não precisa de grandes cirurgias, mas constituir pequenas intervenções pontuais sobre a realidade, não alterando sua estrutura e configuração. Com o objetivo de acomodar os diversos elementos e condicionantes que constroem a relação urbana no espaço. O autor coloca que o território é definido pela dimensão do objeto arquitetônico através da apropriação do espaço. O sentido da arquitetura não é sua materialidade, mas sua hospitalidade, por meio do sentido atribuído aos projetos na construção da cidade, do espaço urbano pelo homem (Fuão, 2012 d).

A palavra espaço remete a dois sentidos, entidade abstrata, vazio, limite ou aquilo onde alguma coisa inicia sua presença como os elementos que definem sua existência que pode ser definido por uma construção. A forma da construção nunca se resume na simples materialização do espaço puro, porque ela cria lugares. E para abordá-lo devemos pensar na relação com o homem, pois o espaço parte da realidade do ser humano (Fuão, 2012 d).

Assim, como as idéias da cidade situacionista as arquiteturas infraestruturais formadas por territórios sem partes, carregam na sua essência o objeto em si e o poder da reciclagem, de situações, do acontecimento, do sentido de (des)construção dos espaços e das novas formas de organização coletiva e social. Pois tudo é acessível a todos, todos os lugares dessa estrutura são acessíveis a cada cidadão, tornando-se um forte elemento significativo e de (re)significação das cidades.

6. Imaginários reais: New Babylon e os espaços infraestruturais

Sabe-se que as cidades em todo o mundo continuam a crescer. Em 1950, havia oitenta e seis cidades com mais de um milhão de habitantes, até dois mil e quinze, passara para quinhentas e cinquenta. Em trinta anos três quartos da população do mundo viverá em aglomerações urbanas nunca antes imaginadas, efetivamente em megacidades. Para acompanhar esse crescimento populacional as arquiteturas infraestruturais estão sofrendo um processo de múltiplas combinações (figura 11), em escalas cada vez maiores de mobilidade e uso dos espaços (Eaton, 2002).



Figura 11 – Sistemas com possibilidades de vitalidade e acolhimento urbano: estruturas intermodais de mobilidade urbana. Rodoviária de Brasília
Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/>

A definição de arquiteturas infraestruturais nesse ensaio volta-se para as obras de mobilidade urbana. Aqui entendidas como elementos físicos de promoção de passagens e deslocamentos, obras de infraestrutura com finalidade específica, que promovem ou permitem fluxos de diferentes naturezas. Definindo e organizando os espaços da cidade, representado por pontes, viadutos, passarelas, estações de metro, estações rodoviárias, estações intermodais, túneis, plataformas, etc, (Meyer, 2001, pag. 8).

Como suporte urbano e elemento de transposição as obras infraestruturais voltadas a mobilidades urbana podem ir além de seu escopo original, pensado como produto exclusivo da engenharia técnica. Assim, como coloca Heidegger (2006) essas estruturas podem ser também definidas como espaço-ponte (Heidegger, 2006). Arquiteturas que transcendem sua função técnica, alcançando o sentido de ponte, limite, que conecta, liga e contém. Capacidade de fazer passagem de objetos e pessoas para novos lugares, novos olhares, outras descobertas. São elementos urbanos singulares pois carregam em sua essência a capacidade de conectar diferenças sociais, econômicas, culturais e geográficas, elas representam a cidade, o múltiplo, diferença, unidade.

Lefebvre (1999), em seu livro *A Revolução Urbana*, afirma que as estruturas voltadas ao transporte são mais que um lugar de passagem e circulação, são locais de encontro, de troca (Lefebvre, 1999, pag. 29). Fuão (2012b) chama essas arquiteturas de

errância, pois são estruturas físicas que tem como princípio o deslocamento, transportando o sentido, o sentimento (Fuão, 2012b). Marcado pela sua forma residual, um entre lugar, uma subtração urbana definida pelo que está em cima e ao lado. Aos olhos da cidade domesticada, o entorno e os espaços formados a partir dessas estruturas aparece dominado por dois traços: abandono e inutilização. Mas contrariamente os vazios urbanos gerados por essas arquiteturas são espaços paradigmáticos e singulares, pois representam a essência do objeto em si, em estado primário, primitivo, pelo simples fato de não ser nada além de espaço, de servir, lugar de espera, de acontecimentos, lugar do por vir.

A exemplo da cidade de Constant esses grandes espaços cobertos gerados pelas obras de infraestrutura viária expõe a possibilidade da descoberta, do novo, do outro. Desde a ótica de baixo são lugares de espera, acolhimento, das multiplas possibilidades. São espaços expectantes, mais ou menos abandonados, mais ou menos delimitados no coração da cidade tradicional, ou mais ou menos indefinidos nas periferias difusas. São manchas de uma cidade a descobrir dentro da cidade, espaços ausentes, ignorados ou caídos em desuso, mas como sentido de ponte, sobrevivente a quaisquer sistemas estruturantes do território (Fuão, 2012e, pag. 87 a 88).

Assim, ponte não se situa num lugar, ela os cria, os define, e os legitima. É da própria ponte que surge o lugar. Heidegger (2006), em seu texto Construir, Habitar, Pensar, utiliza o exemplo da ponte para refletir sobre a coisa construída. O espaço, como coloca o filósofo, é propiciado e definido pelos lugares e, conseqüentemente, pela coisa construída que determina esses lugares. A ponte, como coisa construída, cria o lugar e, assim, também o espaço. Heidegger (2006) coloca que “as margens surgem como margens” na medida em que a ponte as coloca em relação: é na marcação dessa separação, pelo objeto construído, que os elementos da paisagem podem ser reconhecidos isoladamente e, só então, viabiliza se sua articulação. A ponte simultaneamente aparta e une, define um lugar e, assim, um endereço. Esse endereço é primordialmente uma situação geográfica manipulada pela ponte e por sua força de transposição (Heidegger, 2006, pag. 4).

Poderíamos aproximar as idéias da cidade de Constant com o conceito de ponte. Para Fuão (2012) a idéia da ponte como deslocamento, persegue uma ética, uma

verdade que dá sentido à obra. Esse sentido busca o encontro com o outro, a arquitetura é feita com esse propósito, servir, ser ponte. Na cidade New Babylon a liberdade arquitetural é dada pela potência da construção em oferecer espaços para livre manipulação e movimento, transformando a própria arquitetura. A definição morfológica da cidade de Constant deve ser dada pela transformação dos espaços em novos lugares e não pela liberdade da composição pictórica da arquitetura.

O espaço, o vazio como espera do outro, o imaterial é o elemento que possibilita construir ilimitadas situações urbanas e define New Babylon. Num processo semelhante de apropriação, os espaços não planejados ou “vazios” resultantes das obras de infraestrutura aproximam-se das teorias da cidade de Constant por sua particularidade espacial de não pertencimento urbano, abrigadas muitas vezes por extensas coberturas metálicas ou concreto, chamadas de pontes pelos atores informais. Criando espaços não definidos, ainda “selvagens”, não domesticados, sem planejamento de uso territorial ou funções (pré)concebidas. Um livre território, assim como New Babylon passível a atividades lúdicas, múltiplas construções de cenários da vida, espaço com potência de transformação (figura 12 e 13).



Figura 12 - New Babylon: sob sua estrutura-cobertura espaços para a construção de acontecimentos

Fonte: <http://estructurassensitivas.blogspot.com.br/>



Figura 13 – Espaços infraestruturais: sob viadutos, espaço de transformação e novas situações de uso pela comunidade

Fonte: Fonte: <http://fernandofuao.blogspot.com.br>

7. Considerações finais

Reafirmando as idéias Situacionistas da década de sessenta, as cidades contemporâneas a cada dia se tornam menos hospitaleiras, em vez de se abrirem para os outros, de se prepararem para receber, fecham-se em verdadeiros campos de reclusão, tudo deve ser controlado e tudo é produzido para controlar. Tornando o homem refém de um sistema segmentado, privatizado, técnico. Cujo objetivo é dispersar, alienar, distanciando do meio urbano. Os muros, as paredes, as grades, são os elementos da cidade que promovem essa hostilidade, esse (des)amor.

Esta reflexão sobre anonimato, fragmentação da vida e a falta de hospitalidade passa também pela infraestrutura urbana, pois ela também legítima a organização das cidades e sua fragmentação social. Isso reflete nos aspectos formais e programáticos das obras de infraestruturas onde os aspectos funcionais e técnicos se sobrepõem aos aspectos semânticos ou de representação. Não permitindo usos e apropriações imprevistos, impossibilitando incorporar novos programas ou propor articulações entre programas que criam novos usos, sentidos, apropriações e experiências do espaço (Fuão, 2011, pag.33).

A partir desta problemática como as obras infraestruturais podem gerar novos sentidos, experiências e usos, originando espaço mais que urbanos, humanos? Essa mudança de conceito ou metamorfose do sentido das infraestruturas não esta apenas na estrutura física, mas nas suas conexões de significados e experiências, através da vivência do homem nos seus espaços. Desta forma, esse ensaio procura aproximar, realidade, ficção, conceitos e principalmente sentido, essência, origem. Onde as ações da sociedade informal, atores excluídos desse processo de espetacularização e controle, como por exemplo, moradores de rua, trabalhadores informais, confirmam o papel de construção de novas situações urbanas e possibilidades sociais defendidas por Constant e o poder de transformação da cidade pelos espaços infraestruturais.

Como coloca Fuão (2012), voltar-se ao abandono, ao abandonado, reciclando, resignificando é um gesto de descoberta urbana podendo ocorrer em qualquer lugar. Mas como gesto humano, o sentido de acolhimento pode ser usado em espaços abandonados, os espaços “excluídos”, não planejados. Pois hospitalidade não tem escala, ela também é

urbana. Prédios abandonados, viadutos, tuneis ocupados por moradores de rua, a favela, a vila, e as formas como esses outros transfiguram de uma maneira positiva o abandono.

Mais que questões físicas, funcionais ou territoriais, o ensaio percorre as idéias da cidade manifesto de Constant reafirmando a potência de transformação dos objetos pelo homem, transformando suas próprias vidas num gesto ético, de liberdade. Assim, um convite à reflexão do pensamento político urbano atual e a participação efetiva da população nas decisões urbanas se faz necessário. As críticas situacionistas ainda podem ser ouvidas na cidade contemporânea por sua inércia especulativa baseada no consumo e imagem.

Desta forma, as novas práticas de intervenções urbanas mais socialmente participativas e menos espetaculares se faz necessário. Aqui, mostraram-se uma pequena fresta de resistência ao processo de homogeneização, espetacularização e formalização das cidades. Através da possibilidade de ocupações espontâneas e diversificadas dos espaços infraestruturais. Quem sabe a chave do processo inverso de espetacularização urbana se encontre nos lugares “marginais”, “abandonados”, nos espaços não programados das cidades?

Contra-fluxo urbano da cidade formal são territórios não formalizados pelo estado e não aceito e compreendidos pela sociedade. Como exemplo, as favelas, os espaços formados pelas arquiteturas infraestruturas, espaços esses, que possibilitam a mais liberta forma de ocupação humana, pela efetiva necessidade de transformação do ser, local de participação popular e comunitária. Resultando em ocupações legítimas da vida, autênticas, verdadeiramente extensão da natureza do homem.

Quem sabe a fissura, a resposta da verdadeira relação homem-cidade esteja nos atores excluídos e nos espaços da informalidade? Por aqueles que ocupam e constroem a partir dos restos, dos limites, das sobras da cidade. A partir dos lugares sinistros, escuros, sem luz, sem cores, formados por não arquiteturas. Será que os melhores acontecimentos urbanos partirão dos espaços que nao deveriam ter acontecidos? Espaços esses resultado de uma cidade tao escura quanto suas sombras, mas velada pela luz do espetáculo.

7. Referências bibliográficas

Debord, Guy .1997. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto

Solis, Dirce. 2012. *Jacques Derrida & arquitetura*. Pag. 1 a 36 1.ed. Rio de Janeiro.

Eaton, ruth. 2002. *Ideal Cities: Utopianism and the (Un)built Environment*, London. em www.megastructure-reloaded.org/en/issue/

Fuão, F. Freitas. 2011. *A collage como trajetória amorosa*. Editora da UFRGS, Porto Alegre.

Fuão, F. Freitas. 2012a. *A hospitalidade na arquitetura*. Porto Alegre. Disponível em: <http://fernandofuao.blogspot.com.br/a-hospitalidade-na-arquitetura.html> . Acessado em outubro 2014

Fuão, F. Freitas. 2012e. *Jacques Derrida & arquitetura*. Pag. 39 a 105 1.ed. Rio de Janeiro.

Fuão, F. Freitas. 2012d. *As ocupações dos viadutos e as formas do acolhimento na arquitetura*. Disponível em: <http://fernandofuao.blogspot.com.br/as-ocupacoes-dosviadutos-as-formas-do>. Acessado em outubro 2014

Fuão, F. Freitas. 2012e. *Jacques Derrida & arquitetura*. 1.ed. Rio de Janeiro.

Grossman, Vanessa. 2006. *A arquitetura e o urbanismo revisitados pela Internacional Situacionista*. Annablume.

Heidegger, Martin. (2006). *Construir, Habitar, Pensar*. In: Ensaios e Conferências. (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis. Vozes. 2ª ed.

Lefebvre, H. 1999. *A Revolução Urbana (S. Martins, Trans.)*. Belo Horizonte. Editora da UFMG.

Meyer, R. M. P. 2001. *Atributos da metrópole moderna*, São Paulo em Perspectiva, n. 4 (vol. 14), pp. 3-9. São Paulo: Seade.

Tschumi, Bernard. 1996. *Architecture and disjunction*. Cambridge. MIT Press.

Jacques, Paola Berenstein. 2003. *Breve histórico da Internacional Situacionista – IS. Arquitextos*, São Paulo, ano 03, n. 035.05, Vitruvius, abr. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>>.

Jacques, Paola Berenstein (org.). 2003. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro. Casa da Palavra.

Jorn, 1954, In: Jacques, Paola Berenstein (org.). 2003. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro. Casa da Palavra. p.14

Farias, Agnaldo. 2013. *Supersuperfícies: New Babylon (Constant Nieuwenhuys e Internacional Situacionista, 1958-74) e Gli Atti Fondamentali (Superstudio, 1972-73)*. Diss. Universidade de São Paulo.